

“Espaço Gingal” - Helena Gonçalves

18 Set / 18 Out 2014

Galeria das Salgadeiras

O Sublime, tal como o Belo, enquanto categoria estética, tem sido alvo de inúmeras definições consoante os tempos e as circunstâncias. Para falar deste “Espaço Ginjal” de Helena Gonçalves recupero uma delas, a do ensaio “Do Sublime” de Schiller, datado de 1973: “um objecto relativamente ao qual somos fisicamente frágeis enquanto que moralmente nos elevamos para além dele através das ideias”. Este espaço, já em fase de abandono, perante o qual sentimos o peso da impossibilidade do que foi e já não é, surge aqui, através do olhar de Helena Gonçalves com uma nova existência, esta, sim, eterna. Desde logo, porque esta é uma característica de qualquer objecto artístico, a sua perenidade. Porém, mais que isso: ao fixar uma realidade num instante (nem sempre decisivo), immortaliza--a na memória de quem a recebe. A partir destas fotografias, apropriamo-nos dessa “história” e construímos outras estórias, conduzidos pela luz com que Helena Gonçalves percorre o espaço, induzindo, assim, a passagem do tempo. De forma autoral e assumidamente subjectiva, a luz congela ou arrasta fragmentos deste espaço, aparentemente, encenado. Sucede que, embora “luz”, no seu sentido figurado, seja sinónimo de “verdade”, aqui assume uma outra formalidade de onde resulta o carácter sublime destas fotografias: vemos para além do visível, da dimensão do “representável”. Aquilo que não é mostrado é tão, ou porventura até mais, importante do que é iluminado.

Talvez seja o momento de revelar, citando Samuel Beckett, em “À Espera de Godot”, «Sometimes I feel it coming all the same. Then I go all queer.», que o Espaço Ginjal existiu até meados de 2010 e foi palco de inúmeras manifestações artísticas, nomeadamente no âmbito do Teatro e da Performance. Simbolicamente, “Espaço Ginjal” fala deste espaço e de muitos outros que deixaram de existir por exigências de outra natureza, acabando assim, e cada vez mais, com lugares de criatividade para artistas e encontros com os públicos. Não,

não queremos ficar à espera de Godot, perante essa estranheza do não-significado que, por vezes, mais que as desejadas, a condição humana encerra. Do absurdo só queríamos o Teatro, não a Vida.

Ana Matos

Lisboa, Maio de 2014

Helena Gonçalves

Espaço Ginjal



O segredo bem guardado nas nossas memórias

O Espaço Ginjal foi um armazém no Cais Ginjal, em Cacilhas, gerido pelo Grupo O Olho e habitado por muitos outros artistas. O Útero começou lá e foi acolhido naquele espaço recheado de segredos que só a nós nos pertencem.

Os artistas misturavam-se e contagiavam-se por conversarem uns com os outros e por ouvirem os ensaios e conversas que ecoavam fora de portas.

Quando quisemos voltar, depois daquele espaço estar inactivo vários anos, tentámos reactivar memórias que nos diziam muito.

As memórias dos ensaios, as memórias dos espectáculos, das noites mal dormidas, das festas, das conversas.

Numa dessas memórias, eu e a Helena ,estávamos a varrer o chão acumulado com pó que tinha ficado das memórias na nossa cabeça.

Depois da exposição "11-09-10" da Helena encerraram as portas daquele espaço e nós ficamos com segredos soltos bem guardados nas nossas memórias que serão sempre nossos e de quem perguntar por eles.

Miguel Moreira

Setembro de 2014

(Miguel Moreira escreve de acordo com a antiga ortografia)



“Espaço Gingal” - Helena Gonçalves

18 Set / 18 Oct 2014

Galeria das Salgadeiras

The Sublime, as the Beauty, while aesthetics category, has been subject to countless definitions, depending on the times and circumstances. To talk about this “Espaço Gingal” of Helena Gonçalves, I retrieve one of them from the essay “On the Sublime” by Schiller in 1773: “Sublime we name an object, at whose conceptualization our sensuous nature feels its limits, but our rational nature its superiority, its freedom from limits; in the face of this we thus derive physically our brevity, which we surmount but morally, i.e. through ideas.” This space - already in a stage of abandonment - before which we feel the weight of impossibility of what it was and no longer is, appears here, with a new existence through the eye of Helena Gonçalves, and this time, eternal. For a start, because this is the aspect of any artistic object, its perennality. But, more than that: in freezing a reality in an instant (not always decisive), she immortalizes it in the memory of who receives it. Of these photos, we appropriate ourselves of that “story” and make other stories, guided by the light with which Helena Gonçalves covers the space, inducing this way, the passage of time. In an authorial and subjective way, the light freezes or drags fragments of this, apparently staged, space. It happens that, although “light” is synonymous of “truth” in its figurative sense, it assumes here one other formality from which it results the sublime aspect of these photos: we see beyond the visible, the dimension of what “can be represented”. What is not shown is so, or by chance even more, important than what is lit.

Maybe it is the moment of revealing, quoting Samuel Beckett in “Waiting for Godot”: «Sometimes I feel it coming all the same. Then I go all queer.», that the Espaço Gingal was there until the middle of 2010 and was the place for countless artistic expressions, namely, in the field of theatre and performance. Symbolically, “Espaço Gingal” talks about this space and many others that no longer exist by demands of other nature, this way putting an end, and more and more, to places of creativity for artists and gathering with publics. No, we don't what to

stay waiting for Godot, before that strangeness of the no-meaning that, some times (more than we want), the human condition encloses. Of de absurd, we would only want Theatre, not Life.

Ana Matos

Lisbon, May 2014